

# “TUA CANTIGA”, DE CHICO BUARQUE: ASPECTOS DA POLÊMICA, ASTÚCIAS DA CONSTRUÇÃO

Rinaldo de Fernandes\*

1 Quando te der saudade de mim  
Quando tua garganta apertar  
Basta dar um suspiro  
Que eu vou ligeiro  
Te consolar

2 Se o teu vigia se alvoroçar  
E, estrada afora, te conduzir  
Basta soprar meu nome  
Com teu perfume  
Pra me atrair

3 Se as tuas noites não têm mais fim  
Se um desalmado te faz chorar  
Deixa cair um lenço  
Que eu te alcanço  
Em qualquer lugar

4 Quando teu coração suplicar  
Ou quando teu capricho exigir  
Largo mulher e filhos  
E de joelhos  
Vou te seguir

5 Na nossa casa  
Serás rainha  
Serás cruel, talvez  
Vais fazer manha  
Me aperrear  
E eu, sempre mais feliz

6 Silentemente  
Vou te deitar  
Na cama que arrumei  
Pisando em plumas

Toda manhã  
Eu te despertarei

7 Quando te der saudade de mim  
Quando tua garganta apertar  
Basta dar um suspiro  
Que eu vou ligeiro  
Te consolar

8 Se o teu vigia se alvoroçar  
E, estrada afora, te conduzir  
Basta soprar meu nome  
Com teu perfume  
Pra me atrair

9 Entre suspiros  
Pode outro nome  
Dos lábios te escapar  
Terei ciúme  
Até de mim  
No espelho, a te abraçar

10 Mas teu amante  
Sempre serei  
Mais do que hoje sou  
Ou estas rimas  
Não escrevi  
Nem ninguém nunca amou

11 Se as tuas noites não têm mais fim  
Se um desalmado te faz chorar  
Deixa cair um lenço  
Que eu te alcanço  
Em qualquer lugar

12 E quando o nosso tempo passar  
Quando eu não estiver mais aqui  
Lembra-te, minha nega  
Desta cantiga  
Que fiz pra ti

(“Tua cantiga”)

A letra recente de “Tua cantiga”, de Chico Buarque, não agradou a um grupo de pessoas. Especialmente certas vozes feministas, que acusaram Chico de consagrar valores machistas nos versos “largo mulher e filhos/ e de joelhos/ vou te seguir”. Houve, notadamente nas redes sociais, manifestações contrárias a esses versos, mas houve também declarações que não viram neles nada demais.

É mais uma polêmica entre tantas que pontuaram a trajetória artística de Chico Buarque. Desde os anos 60, a produção de Chico provoca amores e dissabores. Chico já foi contestado e celebrizado pela esquerda. Contestado e mesmo vaiado como letrista no episódio de “Sabiá”, que, concorrendo e vencendo “Pra não dizer que não falei de flores”, de Geraldo Vandré, não agradou ao público estudantil de esquerda presente na fase nacional do III Festival Internacional da Canção, promovido pela TV Globo em 1968 – público que exigia um tipo de letra que respondesse de modo mais contundente, direto, ao regime militar que se instalara no país. A mesma esquerda o celebrizou entoando, em passeatas e em shows universitários, a letra de “Apesar de você” e de outras canções (como “Cálice” e “Deus lhe pague”) que abordaram a repressão militar. A obra de Chico já foi objeto de censura ou mesmo de rancor por parte da direita: todos sabem que Chico, na época do governo militar, foi um dos artistas mais perseguidos pela Censura, tendo sido vítima, na encenação de *Roda viva*, no teatro Ruth Escobar, em São Paulo, de uma das ações mais brutais da ditadura, com o CCC – Comando de Caça aos Comunistas adentrando o teatro e investindo contra os atores e o público que assistia à peça. Chico já foi hostilizado pela vanguarda poético: ao conduzir-se musicalmente por um caminho diferente do Tropicalismo, foi considerado um “passadista”, tendo sido enfrentado pelos concretistas Augusto de Campos e Décio Pignatari, que haviam aderido ao movimento encabeçado por Caetano Veloso e Gilberto Gil. O que levou Chico a produzir, como resposta, o artigo “Nem toda loucura é genial, nem toda lucidez é velha”. Chico já foi tido, e por isto mesmo desqualificado, como *cantor de protesto*. As *canções de protesto*, nos anos 70, eram interpretadas como sendo circunstanciais. Traziam letras rebatendo a repressão militar e, segundo alguns acreditavam, se reduziriam àquele período histórico, não iriam permanecer. Nas recentes manifestações políticas no Brasil, Chico foi insultado por integrantes da direita por não apoiar o impeachment de Dilma. E, agora, teve seu talento de compositor contestado por vozes feministas que, conforme indiquei acima, impugnaram os versos de “Tua cantiga”.

Uma dessas vozes foi a cronista Flávia Azevedo, do *Correio da Bahia*, que assim se posicionou acerca dos versos da cantiga:

Não se trata de patrulhamento nem militância tosca. Mas quem controla sentimento [...]? Chico Buarque sempre se comunicou com a nossa subjetividade. E é a nossa subjetividade que está falando

com ele agora. E a real é que esse mundo interno mudou. De repente, pra um monte de mulheres, “largo filhos” soou tão romântico quanto um arrote no meio do beijo. Uma deselegância, uma sacanagem, uma coisa feia e desnecessária. A gente broxou com a narrativa de um amor covarde, com o canalha fantasiado de super herói, com esse amante infantil e antigo, com esse tipo de amor... datado. Esse cara, esse personagem trazido por Chico (e tão conhecido entre nós) não faz mais sucesso. Porque a gente mudou e até o nosso romantismo está, sim, numa outra vibe. (5/8/2017 – *Correio da Bahia*)

Para a cronista, como os que entoaram lá atrás, nos anos 60, abrigados em concepções da vanguarda, Chico ficou para trás, não se modernizou. Mas Chico, musicalmente, sempre aderiu à tradição, às formas populares, praticando, por exemplo, desde o início de sua carreira, o samba. Chico nunca esqueceu o passado. Esse foi sempre, como nos anos 80 reavaliou Caetano Veloso, o seu jeito: o de “andar pra frente arrastando a tradição”. Esse Chico que busca a tradição para, sorrateiro, se inserir no atual, parece não ter sido percebido pela cronista Flávia Azevedo. Que, como declarado, queria em “Tua cantiga” um personagem de “sucesso” junto à nova mulher. Mas uma coisa importante que Chico quis destacar na cantiga, como adiante procurarei mostrar, não foi realmente a nova mulher, mas o velho homem. O machismo, curiosamente, nos últimos tempos, e apesar da revolução feminista, em certos contextos se alargou. E esse contraste é bem moderno e atual. É o contraste, como pontuou Antonio Candido nas preliminares de “O direito à literatura”, entre o racionalismo do conhecimento e o irracionalismo do comportamento.

A crítica aos versos de “Tua cantiga” foi tão contundente e tão explorada nas redes sociais pelos opositores das opções políticas de Chico, que o compositor resolveu responder. Foi registrado no facebook oficial do artista o seguinte comentário, que emula um diálogo entreouvindo num supermercado:

– Será que é machismo um homem largar a família para ficar com a amante?

– Pelo contrário. Machismo é ficar com a família e a amante. (Chico Buarque – postado em 20/08/2017)

Foi uma resposta razoável. Na minha modesta posição, uma resposta incompleta, uma defesa meio que atropelada. Porque, se lida

justamente sob o prisma do machismo, como irei já verificar, a letra tem força, é muito atual.

Mas destaco também aqui três vozes que, antes desse post no facebook de Chico, se levantaram em defesa do compositor e de sua cantiga. A primeira é a da própria irmã do compositor, Ana de Hollanda, que, entre outras coisas, afirmou, também no facebook:

[...] agora, em função da canção recentemente lançada, “Tua cantiga”, parceria com Cristovão Bastos, pipocou nas redes uma série de artigos de figuras desconhecidas da quase totalidade dos leitores, com novas polêmicas, sendo mais frequentes as que acusam Chico de, além de velho, decadente, “datado” e ultrapassado, ser machista que não representa as mulheres contemporâneas (como se algum dia ele tivesse reivindicado o direito de representar quem quer que fosse, em relação a qualquer assunto).

A frase escolhida para detonar a convulsão foi declarar à amada: “largo mulher e filhos”, de onde se deduz que o autor cultivava o adultério, coisa e tal. Imagino que as puritanas neo-feministas, nunca ouviram falar em Simone de Beauvoir, o que não deve vir ao caso, porque esta também pertence ao século passado. Mas condenam o autor da frase, sem terem se dado conta de que os personagens das canções de Chico – aliás, de qualquer ficcionista – não costumam ser autobiográficos. Que o compositor descreve situações e sentimentos corriqueiros, e até comuns, concordando ou não com eles. E que a criação artística é livre, ao contrário de uma tese acadêmica.

Mas, se for pelo caminho dos zeladores da nova moral, vamos nos preparar para a queima de livros clássicos dos séculos anteriores e para a censura aos maiores autores do cancionário popular do século XX. Na real, o que esse tipo de gente não admite é o sucesso de compositores que ocupam a mídia há mais de meio século. No caso específico, condena a obra e os autores, sem ter ideia de que o lundu feito por Cristovão, estilo musical quase extinto, herança dos escravos, serviu de inspiração para Chico criar uma letra condizente, com imagens e expressões raras no linguajar atual.

Mas pelo visto, isso tudo é sutileza demais para tempos em que uma reflexão não pode ocupar mais do que 140 caracteres. Os novos reguladores da moralidade pública, representando a intolerância que vem ganhando adeptos no planeta, mostram sua cara amoldada para os tempos de Temer, de Trump, de Bolsonaro, de Crivella e outros fundamentalistas que ameaçam a liberdade de

ideias, de criação e de opção de vida. (Ana de Hollanda – postado em 11/08/2017)

A segunda voz é a de um colega da Universidade Federal da Paraíba, o caro amigo Luiz Antonio Mousinho, especialista em Clarice Lispector e que já escreveu um ensaio em que comenta uma entrevista feita pela autora de *A paixão segundo G. H.* com o jovem compositor Chico Buarque (ensaio que se encontra no livro *Chico Buarque do Brasil*, que organizei em 2004). Escreveu Luiz Mousinho:

[...] ainda não escutei “Tua cantiga”, mas li a letra, achei muito boa. Escutei meio de longe a zoadada da polêmica, a velha confusão entre autor, enunciador e/ou narrador, ou a confusão entre personagem e autor ou ainda o equívoco de achar que revelar algo da sociedade via um personagem é fazer a obra se alinhar ao personagem, ou supor que o autor pensa como o personagem. Por aí o cineasta Alfred Hitchcock era um assassino em potencial e outra canção de Chico Buarque, “Uma canção desnaturada”, seria um convite ao assassinato das filhas (me comovo e choro quando escuto a canção, mas nunca tive projeto de matar a minha curuminha). Bom, tem ainda “Mulheres de Atenas”: lê-la como um convite à submissão feminina (como fizeram no passado) não é só má-interpretação, é burrice mesmo. [...] (Luiz Antonio Mousinho – postado no facebook em 17/08/2017)

O terceiro que se pronunciou em defesa de Chico foi Caetano Veloso, que, também num post no facebook, valorizou os aspectos harmônicos e o rimário de “Tua cantiga”:

Foi frutífero que eu tivesse tido de retardar a audição da nova canção de Chico. Talvez eu a tivesse achado bonita, delicada e antiga e a deixasse de lado. Perguntaram-me algumas vezes nesses dias: já ouviu? “Ainda não” era a resposta com que continha minha calma curiosidade. Ao ouvi-la (ao lado de Tom e de Cezar Mendes, que tinha ficado impressionado com a música ali ouvida) fiquei tomado. Cezar tinha elogiado o tratamento harmônico, o piano e o baixo, repetindo o nome de Cristóvão. Sou tão fascinado pelo lado músico de Chico (cujo violão vem das vozes cantadas em casa com Miúcha, portanto não é esquemático, como nossos violões perigam ser, o que Guinga percebeu como ninguém, deixando-se influenciar

e influenciando o mestre de volta) que pensei que aquelas inversões, que fazem um tema em tom menor padrão virar invenção extraordinária, fossem do próprio Chico. Mas, sobre essas harmonias, eram as rimas que me sideravam. O cantor refere-se a elas, como se cresse que só ele sabe quantas há na canção. Mas as rimas que mexem fundo com a gente são as inaparentes, as que se dão nas consoantes das palavras finais dos penúltimos versos das estrofes: suspiro/ligeiro; nome/perfume; lenço/alcanço; filhos/joelhos; nega/ cantiga. “Minha nega” e “cantiga” são chave de ouro. O ritmo de lento afoxé sob essas formas verbais aprofunda a sensação de velha brasilidade que só se supunha morta porque fazia tempo que Chico não vinha com uma música. (Caetano Veloso – postado em 17/08/2017)

Dito isso, penso que é bom esclarecer um pouco que tipo de poeta é Chico Buarque. Seguramente, não estamos falando de um poeta qualquer, mas de um nome que, de início identificado apenas com o segmento da MPB, logo se projetou para a série literária, compondo textos que o colocaram perto ou mesmo ao lado de grandes da literatura nacional.

Sabe-se que o compositor consagrado dos anos 70 chegou a ser vinculado, como já foi indicado acima, à chamada *canção de protesto*. Ser compositor de protesto, àquela altura, aos olhos dos críticos mais circunspectos, não era boa coisa. *Protesto*, no campo da MPB, era sinônimo de *produção de* ou *para a circunstância*. Ou seja, postulava-se que, passado o momento histórico, perderia força a canção de Chico, e a de alguns outros, que combatia a ditadura; a canção com as metáforas da sombra – ou a *canção de repressão*, como foi chamada por Adélia Bezerra de Meneses,<sup>1</sup> no seu bom estudo sobre poesia e política em Chico Buarque. Assim, a *canção de protesto*, ou *de repressão*, era tida como uma canção datada, composta para responder, repiso, ao regime militar. Chico não teria força para transpor aquele tempo histórico – ou seja, não *ficaria*.

Anazildo Vasconcelos da Silva rebateu essa tese. Em estudo publicado em 1974 sobre a poética de Chico,<sup>2</sup> Anazildo afirma, a respeito da relação entre as letras da MPB e a poesia brasileira:

Podemos traçar, em linhas gerais, um paralelo entre a letra poética da MPB e a poesia brasileira, dos anos 50 para cá, e mostrar, através do exame de diferenças e proximidades, como lentamente a letra

---

<sup>1</sup> MENESES, Adélia Bezerra de. *Desenho mágico: poesia e política em Chico Buarque*. São Paulo: Hucitec, 1982.

<sup>2</sup> SILVA, Anazildo Vasconcelos da. *A poética de Chico Buarque*. Rio de Janeiro: Sophos, 1974.

poética vai ganhando em qualidade artística, até uma equiparação com a melhor poesia moderna. (p. 7)

Anazildo entende que as letras da MPB passaram “a exigir do estudioso da literatura e do crítico literário brasileiro uma atenção maior, inclusive necessária em termos de conhecimento de poesia brasileira moderna”. Caracterizando a poesia de Chico como “universal” e não “circunstancial”, Anazildo conclui:

O crítico e o estudioso da literatura sabem muito bem que a poesia circunstancial desaparece juntamente com a circunstância que a motivou. Por isso, enquadrar a poesia de Chico Buarque a uma circunstância, qualquer que seja a natureza desta circunstância, é negar-lhe a validade poética e reduzi-la a coisa nenhuma. Acreditamos [...] que a poesia de Chico Buarque não se prende a um contexto circunstancial, mas a um contexto humano existencial do século XX. Sua poesia, como a poesia de um Fernando Pessoa, de um Carlos Drummond de Andrade ou de um João Cabral de Melo Neto, pretende significar o homem do século XX inserido na trajetória da humanidade. E ninguém ousa proclamar a poesia desses poetas como circunstancial. (p. 10)

Chico Buarque, portanto, e repetindo, não é um poeta qualquer. E sabe o que está fazendo no que diz respeito à representação da mulher, de cuja condição, conforme concluí em meu trabalho de mestrado, é um pensador. Verifiquei em minha dissertação que Chico, quando retrata as ‘resignadas’ ou ‘recolhidas’ no universo doméstico, caso de “Cotidiano” e “Mulheres de Atenas”, é mordaz, ironizando a submissão ou o papel de esposa na família patriarcal. Quando protagoniza a prostituta, como em “Las muchachas de Copacabana”, consagra o turismo sexual como uma das mazelas do Terceiro Mundo. Quando configura o desejo sexual feminino o faz sem impedimentos, tornando-o impulso, imperativo do corpo – caso de “O que será (Abertura)”. Enfim, quando aborda o desfecho da relação amorosa, apresenta uma mulher decidida, sabedora do que quer e faz – como propõem os versos de “A Rita”.

Pelo que sei, Chico não mudou. Prossegue sensível às minorias, às causas sociais, recortando nossas mazelas, nossos contrastes – como está na também recente “Caravanas”.



Vou agora verificar o que de fato ocorre com “Tua cantiga”, num esforço para tentar mostrar certos elementos que estão na base da construção de sua letra.

A letra de “Tua cantiga” é simples, registra as investidas, as promessas e sobretudo os exageros do sujeito que fala na canção. E parece ser a hipérbole, assim como a antítese estrutural (o antagonismo sujeito poético x parceiro da seduzida), que está na base da construção da letra.

A letra trata de três personagens – o sedutor-amante, que é o sujeito poético, a seduzida e o parceiro da seduzida (de pronto apontado como o rival do sedutor-amante). A única voz que se manifesta, assertiva, e sobretudo, reafirmo, exagerada, é a do sedutor-amante.

Não é difícil perceber as notas de exagero do sujeito poético nas várias estrofes da letra. Logo na primeira estrofe, a um simples “suspiro” de saudade gemido pela seduzida, esse sujeito, e não sendo tal suspiro um suspiro qualquer, mas uma espécie de alarde, vai “ligeiro” consolá-la. Mas o acesso à seduzida não é tão fácil, as coisas não poderão correr tão frouxas ou “ligeiras” assim, pois se trata de alguém comprometida. Mas o sujeito poético é assertivo, destemido, indicando que em breve estará aos pés dela – nada o repelirá.

Na segunda estrofe, o parceiro da seduzida é nomeado como “vigia”. Trata-se de um “vigia” que, enciumado, ou em “alvoroço”, como está dito, desloca-se estrategicamente com a moça para a distância, protegendo-a, e protegendo-se, das investidas desse sedutor arrebatado, afoito. Mas a simples evocação do nome do sedutor (na bela imagem “basta soprar meu nome/ com teu perfume”) poderá atropelar as coisas, atraindo esse sedutor, que irá de pronto – e uma vez mais – em busca da seduzida, a distância não contando. Continuam tão simples assim as coisas? Um indivíduo parte com a companheira, o outro, um sedutor devotado, logo em seguida vai atrás deles para capturá-la? Há, de novo, uma nota de exagero, um destemor ou mesmo presunção por parte do sujeito poético.

Mas a presunção não para por aí. A fala do sedutor, em certo instante, acorda uma imagem incisiva, que vai estar na terceira estrofe: a de que “não têm mais fim” as noites da seduzida junto do companheiro dela, agora chamado de “desalmado”, pois a faz “chorar”. Noites que “não têm mais fim” hiperboliza o sofrimento da seduzida ao lado do outro. E, por antítese, enaltece a figura do sedutor, assegurando que com este as noites serão aprazíveis, venturosas. E o enaltecimento vem ainda na forma de outra cortante (e bela) imagem: o sujeito poético, para aplacar o padecimento da seduzida, e mais uma vez destemido, arrojado, sem levar em conta a companhia da moça, pede-lhe que “deixe cair um lenço” – o lenço como senha indelével da presença dela na vida dele – que ele a alcançará “em qualquer lugar”. Novamente, não estão difíceis as coisas para o sujeito poético – está reeditado um padrão que informa que esse sujeito é desimpedido, está

solto para ir e vir, para ir ao lugar em que a seduzida está, e, sem qualquer reação por parte do rival, tê-la à sua disposição. Fácil assim.

Mas aí vem o momento mais agudo desse inventário de imoderações: aquele em que o sedutor promete largar “mulher e filhos” para seguir a seduzida. Aqui o exagero se inscreve ainda mais forte na imagem que carrega de tons dramáticos a forma de o sedutor seguir a seduzida: “de joelhos”. Se for permitida uma analogia grotesca, e certamente desvirtuosa, porque, em sendo literal, anula a figuração dos versos, eu diria que deixar “mulher e filhos” imprime de fato feridas menos abertas do que ir “de joelhos” atrás da amada. Terrível penitência de um descomedido sujeito poético...

Na quinta estrofe, sempre carregando nas tintas do exagero, o sujeito poético assegura que a seduzida, na residência que eventualmente possam equipar, será a “rainha”. Entende que a seduzida lhe poderá ser talvez “cruel” – e que ele, mesmo assim, será ainda “mais feliz”. O expresso masoquismo, neste último caso, aparece também pontuado pelo exagero. E, sexta estrofe, para não interromper de vez o sono da seduzida, outra nota imponente, o sujeito poético promete pisar “em plumas” todas as manhãs ao despertá-la. Na nona estrofe, o sedutor, por assim dizer, duplica-se nos exageros, ao assegurar que terá “ciúme” até dele mesmo, ao abraçar a seduzida diante do espelho. Por fim, décima estrofe, nesse elenco de exageros entre palatáveis e desmesurados, e jogando para as palmas da seduzida, e sempre sem ter em conta o parceiro dela, o sujeito poético se autodeclara o definitivo amante da moça, prometendo-lhe paixão ainda mais intensa: “teu amante/ sempre serei/ mais do que hoje sou”. E conclui, ainda uma vez um registro descomedido, em forma de comparação: “ou estas rimas/ não escrevi/ nem ninguém nunca amou”.

Portanto, a figura principal que Chico Buarque empregou para compor os versos de “Tua cantiga” foi a hipérbole.

A hipérbole pode vir recatada, mas também retumbante. Pode repousar no limite, mas também transbordar as margens do verso.

Castro Alves transborda em seu “Navio negreiro”:

Senhor Deus dos desgraçados!  
Dizei-me vós, Senhor Deus,  
Se eu deliro... ou se é verdade  
Tanto horror perante os céus?!...  
Ó mar, por que não apagas  
Co’ a esponja de tuas vagas  
Do teu manto este borrão?  
Astros! noites! tempestades!  
Rolai das imensidades!  
Varrei os mares, tufão! ...

Carlos Pena Filho, em “As dádivas do amante”, também transborda:

Deu-lhe a mais limpa manhã  
Que o tempo ousara inventar.  
Deu-lhe até a palavra lã,  
E mais não podia dar.

Deu-lhe o azul que o céu possuía  
Deu-lhe o verde da ramagem,  
Deu-lhe o sol do meio dia  
E uma colina selvagem.

.....

Deu-lhe o exato momento  
Em que uma rosa floriu  
Nascida do próprio vento;  
Ela ainda mais exigiu.

Deu-lhe uns restos de luar  
E um amanhecer violento  
Que ardia dentro do mar.

Deu-lhe o frio esquecimento  
E mais não podia dar.

E Cazuza, em “Exagerado”, é enchente:

Amor da minha vida  
Daqui até a eternidade  
Nossos destinos foram traçados  
Na maternidade

.....

Exagerado  
Jogado aos teus pés  
Eu sou mesmo exagerado

.....  
Eu nunca mais vou respirar  
Se você não me notar  
Eu posso até morrer de fome  
Se você não me amar

Em “Tua cantiga”, como a seduzida tem um companheiro, é *comprometida*, ao dar ênfase, o sujeito poético, às suas próprias ações, autorreputando-se, a cada estrofe, o parceiro mais que apropriado para promover o contentamento, para dar o que de bom e de melhor a moça precisa, decorre daí a costura de uma outra figura importante no corpo do texto – a já indicada antítese estrutural, envolvendo o sujeito poético x o companheiro da seduzida. O sujeito poético aparece como índice do afeto, da felicidade – mostra-se um amante diligente, fervoroso; o seu rival é signo da desdita – patrulha a moça e é um “desalmado”. Marcando bem o texto com a hipérbole<sup>3</sup> e a antítese, Chico Buarque cria essa imagem de um tipo mundano sedutor, transgressor de regras.

Mas isolemos rapidamente a polêmica expressão “largar mulher e filhos”. Se visto literalmente como alguém que, de forma irresponsável, “larga mulher e filhos” para ficar com a amante, o sujeito poético é um machista, sim, pois dele é destacado o *modus operandi* de um sedutor que faz de tudo, inclusive formular exageros, para preservar uma relação em cima de promessas. Um tipo de sedutor que tece seus versos retumbantes para pavimentar a conquista. Tipos assim estão por aí, atraindo mulheres com uma retórica fácil, envolvente.

Portanto, longe de ser machista, a letra de Chico *denuncia* o machismo. Diz de um tipo que se conduz pela eloquência, pela retórica lisa, antes de se conduzir pela autenticidade. Um tipo que, transitando entre a ordem e a desordem, e para lembrar Antonio Candido, opera nos interstícios. Ou melhor, opera com a malandragem, aquela que não respeita o código vigente (o que dita que uma mulher comprometida não deve ser seduzida, e por alguém também, e declaradamente, comprometido e que se vale de promessas e traquejos verbais).

Portanto, com esse sedutor-machista, que age com a mesma malícia e desfaçatez dos personagens da *Ópera do malandro*, e embora em outro diapasão, ousar dizer, é do malandro, mais uma vez, que Chico Buarque está tratando.

---

<sup>3</sup> Não priorizei no presente ensaio essa abordagem, mas “Tua cantiga” parece dialogar também com o Trovadorismo. O sujeito poético da canção é um tipo que, ao se submeter do modo que se submete à seduzida, ao atender aos caprichos dela (“quando teu capricho exigir/ largo mulher e filhos/e de joelhos/ vou te seguir”), torna-se uma espécie de vassalo que lembra levemente o sujeito poético da *cantiga de amor*. Na *cantiga de amor*, o sujeito poético, posto socialmente em patamar inferior (não seria bem o caso da canção de Chico), e como esforço de sedução, procurava mobilizar a atenção da amada inacessível com o emprego de uma linguagem que, além de enaltecer os predicados físicos, morais e sociais da seduzida, atestava e/ou tonificava as penas de amor desse sujeito poético. Para realçar tais penas, partia para metáforas que configuravam a eloquência de um sujeito intenso e que sempre idealizava a sua amada (que não raro era uma mulher comprometida/casada). Partia, portanto, em certos torneios, para o emprego da hipérbole. E é ainda de se perguntar: o sujeito poético de “Tua cantiga”, que é um amante ausente, que se encontra *afastado* da amada, não a estará também idealizando? Trata-se de uma relação real ou imaginária?

-----

\* **Rinaldo de Fernandes** organizou os livros *Chico Buarque do Brasil: textos sobre as canções, o teatro e a ficção de um artista brasileiro* (Rio de Janeiro: Garamond/Fundação Biblioteca Nacional, 2004) e *Chico Buarque: o poeta das mulheres, dos desvalidos e dos perseguidos* (São Paulo: Leya, 2013).